Notícias falsas (Fake News) provocam desavença entre bichos

Por Ivana Moura[1]

Até virar peça teatral, *A Briga da Onça e do Tatu*, percorreu um longo caminho. Oriundo da tradição oral dos povos do Vale do Paraíba, o conto popular foi colhido pela pesquisadora e escritora negra Ruth Guimarães (1920 – 2014). Como aponta seu filho, o jornalista Joaquim Maria Guimarães Botelho, Ruth foi "a bruxa boa que o folclore valeparaibano representa nas suas histórias". Um tiquinho sobre ela:

Um Aparte

Ruth Guimarães foi uma das primeiras escritoras negras brasileiras a ocupar espaço de projeção nacional na literatura. Romancista, pesquisadora de tradições populares, tradutora, ensaísta, professora. Uma intelectual preta que furou a bolha no circuito cultural branco e publicou mais de 50 livros.

Ainda, e mais que nunca, precisamos valorizar a contribuição de escritoras negras, uma forma de combater o racismo e a misoginia.

Estudiosa da cultura popular, principalmente do folclore, Ruth foi discípula de Mário de Andrade, que sinalizou caminhos nesses estudos.

Ela é autora de *Água Funda*, *Calidoscópio - A saga de Pedro Malazarte*, *Lendas e Fábulas do Brasil*, *Contos de Cidadezinha*. Escreveu o ensaio *Os filhos do medo*, uma ampla pesquisa folclórica sobre o diabo e todas as manifestações demoníacas no imaginário das gentes do Vale do Paraíba.

Sua produção está marcada por uma perspectiva descolonial, no seu escopo de captar a identidade cultural do povo caipira.

[1] Jornalista, crítica de teatro, escritora, artista e produtora cultural. Idealizadora e editora do Satisfeita, Yolanda? (www.satisfeitayolanda.com.br), site de crítica teatral e áreas afins, que funciona desde 2011. Mestra em Letras / Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2005). Doutoranda em Artes Cênicas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – USP.

A Briga da Onça e do Tatu ganhou formato de contação de história e atualmente é apresentado como espetáculo pelo Teatro do Rinoceronte, de São José dos Campos (SP).

Essa narrativa de fonte ameríndia vai à cena num lance de reacender origens ancestrais. Numa época de velocidade extrema, com as tecnologias disputando as infâncias, a peça faz um apelo ao despojamento, à brincadeira, ao jogo e explora a permeabilidade e a natureza movente dos contos tradicionais.

No prefácio do livro *Contos índios*, de Ruth Guimarães (Faro Editorial), o escritor e filósofo Daniel Munduruku acena que as histórias indígenas devem ser lidas com o coração. “A cabeça não consegue chegar aonde os sentimentos chegam. A cabeça costuma fazer juízos de valor; o coração apenas sente porque se abre ao mistério de existir”.

Talvez seja isso que as crianças reparem, que sintonizem, como diz o conto, “no tempo, em que os animais falavam língua de gente. E dava bem para entender a conversinha deles”.

Com direção de Lucilene Dias, a atriz Ana Risada, os atores Guilherme Venâncio e Rômulo Scarini narram a história e interpretam as personagens Onça, Tatu e Papagaio. Depois de propor a situação, eles usam máscaras e tocam os instrumentos sanfona, zabumba e pandeiro.

Problemas de comunicação desencadeiam a guerra entre os dois animais do título. A incompetência do Papagaio em transmitir informações verídicas e seguras agrava a discórdia entre os dois bichos da floresta.

A peça segue o fluxo do conto moralizante. Incentiva que os miúdes reflitam sobre a responsabilidade das informações trocadas, do perigo do leva-e-traz, e de que não é nada inocente distorcer as mensagens que nos são confiadas.

A diretora escolhe procedimentos simples. Não investe exatamente numa leitura cênica de criação mais autoral, pois prefere seguir em proximidade com a contação de histórias.

Apesar de oferecer pontes significativas para o exercício lúdico, a movimentação teatral mostra-se bastante prosaica. A peça utiliza poucos recursos e concentra-se na capacidade dos intérpretes em fascinar.

O grupo se aplica ao caráter performativo da oralidade, mas é possível potencializar as possibilidades que a narrativa original oferece na entonação, no ritmo, no gestual, na expressão facial e nos silêncios reveladores.

Creio que o diálogo com a identidade cultural do caipira pode ser verticalizado na cena ao levar geografias da própria cidade a partir do corpo-político valeparaibano. Quem sabe conexões com a cultura periférica a partir de danças possam carregar os posicionamentos de Ruth Guimarães, de perspectiva marcadamente descolonial, para ferver em cena.

Talvez numa proposição mais intimista (em outros lugares que o grupo passou, como foi dito), a performance atinja um patamar sinestésico com modulações performáticas de palavras, gestos, música e encantamento.

A relação entre artistas e audiência fica mais plena quando o elenco estabelece uma ligação direta com as crianças inflamando a presença viva. No caso específico, quando o Tatu desce do palco e busca a participação cúmplice da plateia. É o ponto alto da presentificação da experiência do encontro.

A Briga da Onça e do Tatu foi exibida no sábado, 10 de setembro, na Casa de Cultura Cine Santana, um simpático cineteatro de rua que completa 70 anos em outubro. Tombado pela Prefeitura Municipal, o equipamento possui um auditório com capacidade para 300 pessoas. No local ficaram concentradas as exibições das peças infantis do 36º Festivale.

As características do Cine Santana contribuíram e dificultaram para a fruição do espetáculo. O lado menos positivo é que a altura do palco e a distância não geraram as condições de uma atmosfera mais intimista, que o grupo consegue em lugares menores. Mas os espaços mais amplos na plateia permitiram que as crianças corressem na brincadeira quando convocadas pelas personagens.

É curioso pensar no interesse e na torcida das crianças-espectadoras pelo Tatu e lembrar no que está anotado no livro de Ruth Guimarães: nos contos ameríndios, a reputação da Onça não é boa. Por representar a força bruta, ela fracassa. É derrotada pelos animais pequenos. A esperteza do Tatu e seus astutos bichinhos aliados vencem essa peleja. Eu projeto nessa imagem o povo pobre, a arraia-miúda, como os animais menores em luta por sobrevivência nestes tempos. E esperanço, pois a sabedoria popular ensina que temos chances.